30 Anos Pediatria

Resumos 2009

VIII Jornada Multidisciplinar Pediátrica
IV Encontro Pró-Humanização do HCPA



Anfiteatro Carlos César de Albuquerque
do Hospital de Clínicas de Porto Alegre

HOSPITAL DE
CLÍNICAS
PORTO ALEGRE RS

25, 26 e 27 de
novembro de 2009

UFRGS
1934-2009
75 ANOS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

atendimento pediátrico.O item que representou maior dificuldade foi a falta de treinamento em serviço.Conhecida essa realidade iniciamos com estratégias de solução do problema. **Resultados:** As atividades desenvolvidas: reuniões periódicas com registro em ata, das combinações e avanços dos profissionais que compõem o grupo; construção de material instrucional (slides, folhetos informativos, pré e pós testes, seleção de vídeos, seleção de material atualizado sobre o assunto da reanimação pediátrica conforme os Guidelines da American Heart Association); planejamento de treinamentos em reanimação para a equipe de enfermagem interna à Instituição; registro da ocorrência de parada cardiorrespiratória na pediatria da Instituição; elaboração de formulário para os registros específicos; disponibilização de formação sistemática para os profissionais; inserção da capacitação no programa de Educação Permanente da Instituição; elaboração de Projetos de Pesquisa em parceria com professores da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande de construção de trabalhos para apresentação em eventos científicos; participação em congressos na área da reanimação e afins; participação em cursos e capacitações externas; parceria com a Universidade em Projeto de Extensão, atendendo acadêmicos de enfermagem no sétimo semestre; elaboração de projetos de pesquisa com apreciação e aprovação do Comitê de È tica e Pesquisa da instituição; equipe de enfermagem capacitada e atualizada e em sua totalidade; elaboração de textos em forma de livro com lançamento na Semana de Enfermagem em maio de 2008; participação dos enfermeiros em palestras solicitadas pela comunidade de saúde externa à Instituição; participação em Congresso Ibero-americano, 2008. **Conclusão:** O estudo do tema reanimação cardiorrespiratória em crianças no formato de Grupo de Estudos, promove benefícios, atualização dos profissionais e melhor qualidade do cuidado prestado à criança e família. Essa atividade organizada implementa a interação entre equipes, gera motivação para buscar constantemente o aperfeiçoamento, e preparo profissional baseado no trabalho em equipe. Consideramos que estudar, explorar o tema da reanimação em pediatria foi e é um constante e gratificante desafio. Nessa tarefa consideramos valiosa a motivação, as condições favoráveis para a construção e manutenção desse grupo, o respaldo da instituição.

Descritores: enfermagem pediátrica, parada cardiorrespiratória, educação permanente.

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE A DOR EM PEDIATRIA

Josiane Dalle Mulle, Anali Martegani Ferreira, Carmen Luisa Vasconcellos do Nascimento, Caroline Maier Predebon, Cleocir Marta Tecchio, Cleomira Noema Dall Agnol, Daiane Marques Durant, Eliane da Silva Moraes, Fernanda Rosa Indriunas Perdomini, Giovana Ely Flores, Helena Becker Issi, Nair Regina Ritter Ribeiro, Nelci Greco Rodrigues, Simone Silveira Pasin

Hospital de Clínicas de Porto Alegre

jmulle@hcpa.ufrgs.br

Introdução: Crianças internadas em instituições hospitalares em algum momento do tratamento sentirão algum tipo de dor e/ou desconforto. A dor poderá ser causada pelo medo do desconhecido, pela doença,

pelos procedimentos invasivos, entre outras causas. Aliviar a dor das crianças é prioridade, por isso se faz necessário uma equipe integrada que tenha conhecimento sobre os diversos aspectos que permeiam a dor e que buscará a terapêutica mais adequada para cada caso. Esta preocupação com a avaliação e controle da dor na população pediátrica hospitalizada suscita a necessidade do estudo e criação de propostas que incidam na promoção de ações capazes de integrar o cotidiano do cuidado. Conforme Silva et al. (2004), a avaliação da dor deve ser sistematizada como os demais sinais vitais, tais como freqüência cardíaca, freqüência respiratória, temperatura axilar e a pressão arterial. Desta maneira, a dor é considerada o 5° sinal vital. No Hospital de Clínicas de Porto Alegre, o Grupo de Estudos sobre a Dor em Pediatria, foi criado em julho de 2007, para estudar o tema e suas especificidades, promover a troca de experiências e o aperfeiçoamento do grupo de enfermeiras, a respeito da dor no paciente pediátrico, e assim qualificar a assistência prestada. Para tanto, o grupo estabeleceu como metas: sensibilizar e instrumentalizar a equipe de enfermagem para identificar a dor na criança e desenvolver ações que minimizem a dor identificada, além de propor ações necessárias ao processo de trabalho da enfermagem que repercutam no aprimoramento da assistência à criança com dor. **Objetivo:** Este trabalho tem como objetivo divulgar a criação de um Grupo de Estudos sobre a Dor em Pediatria e a trajetória percorrida, desde sua criação até os dias atuais. **Desenvolvimento:** Este estudo relata a experiência e as atividades desenvolvidas pelo grupo de estudos sobre a dor em pediatria, bem como a implantação da avaliação sistematizada das crianças com dor. Conforme Oliveira (2005) busca-se romper com o modelo tradicional de educação em saúde, onde o julgamento do comportamento daquele a quem assistimos parte exclusivamente da percepção dos profissionais da saúde. O enfoque da educação permanente permeia o processo de sensibilização para a implantação desta proposta, percorrendo uma nova trajetória na busca de caminhos e soluções alternativas, onde profissionais e usuários construam conjuntamente o processo de educação em serviço. Os integrantes do grupo de estudos reúnem-se com periodicidade mensal conforme cronograma previamente definido. A realização sistemática dos encontros possibilita a continuidade dos estudos, a atualização de conhecimentos, e sua aplicabilidade na área pediátrica, bem como o acompanhamento dos resultados obtidos. Dentre as atividades desenvolvidas, podemos citar a elaboração e aplicação de uma proposta de capacitação para os integrantes da equipe que assistem à criança e família dentro da instituição. A capacitação visou à sensibilização dos profissionais para avaliação sistematizada da criança com dor. Ocorreram nos meses de agosto, setembro e outubro de 2008, através da construção deste saber de forma reflexiva e dialogada, onde as aulas expositivas foram permeadas por vivências do grupo e discussões. Dentre os temas abordados incluiu-se a neurofisiologia da dor, a construção de conceitos de dor e reflexão sobre os conceitos vigentes e a apresentação dos descritores de dor propostos por McCaffery (1999), a saber: 1) verbalização da presença de dor, 2) presença de condição patológica ou procedimento que cause dor, 3) observação de comportamento doloroso (expressão facial, vocalização, expressão corporal), 4) indicação da presença de dor pelo familiar ou cuidador, 5) alteração dos parâmetros fisiológicos. Como etapa primordial inserida nos momentos educacionais, a avaliação sistematizada da criança com dor contou com discussões no grupo sobre conhecimentos técnicos quanto à localização, qualidade, intensidade da dor e formulação de registros de enfermagem. Os tratamentos farmacológicos foram apresentados utilizando-se a estratégia da escada analgésica proposta pela

Organização Mundial de Saúde (OMS). Integrou-se, também, conhecimentos sobre tratamentos não-farmacológicos aplicáveis à criança e que envolvam a família e os profissionais da saúde, tais como distração, massagem de conforto, ambiente favorável e terapêutico, música, arte e os jogos infantis. Ao final desta etapa educacional, assinalou-se a inserção da avaliação da dor na criança, ao processo de trabalho, com uma comemoração que foi denominada "Dia D" ou dia sem dor, marcado na semana de comemoração do dia da criança, em 13 de outubro de 2008. Após seis meses de implantação da proposta, retomamos o tema nos grupos de cuidadores, denominado de Grupo Focado, que teve como objetivo a criação de um espaço educativo, onde emergiram reflexões sobre suas dificuldades na aplicabilidade das escalas de dor, seus anseios frente à escolha correta de analgesia e a necessidade de constante educação em serviço (Lopes et al, 2007). Este foi o momento em que a equipe envolvida no cuidado da criança com dor, analisou suas facilidades e barreiras individuais e coletivas contextualizadas ao tema. O espaço de escuta mútua e co-responsabilização a proposição de ações que venham a minimizar ou resolver essas dificuldades fechadas naquele momento, proporcionou um maior comprometimento de toda equipe. A valorização dos relatos e sugestões que emergiram dos grupos de trabalho, ocasionou uma maior integração da teoria com a prática. Em junho de 2009, organizamos o 1º. Encontro Interdisciplinar sobre dor tendo como tema central a atenção à pessoa com câncer. Esse encontro teve como principal objetivo reunir pessoas que estudam a temática para um momento de reflexão, além de tentar ampliar as discussões, na equipe multidisciplinar, de como está sendo desenvolvido o cuidado ao paciente com dor. O tema proposto seguiu a indicação da Associação Internacional de Estudos da Dor (IASP), que para o período de outubro de 2008 `a outubro de 2009, elegeu a discussão a cerca da pessoa com dor do câncer. Levando em consideração que os pacientes com câncer sofrem muita dor e tendo na nossa instituição unidades que atendem pacientes com esta patologia, consideramos de suma relevância este tema. Os assuntos abordados contemplaram as políticas de saúde no atendimento a dor, epidemiologia, legislação, terapias analgésicas e complementares, ética, morte, dor na visão da literatura e espiritualidade. O programa do evento tentou agregar as várias necessidades do cuidado que os pacientes com dor do câncer vivenciam no seu cotidiano, e a sua aceitabilidade ficou evidenciada no número de 500 inscritos, profissionais e acadêmicos, das mais diversas áreas da saúde, que participaram do evento. O Grupo de Estudos da Dor em Pediatria ainda tem como propostas de trabalho para 2010-2011, a elaboração de material informativo às crianças e familiares, visando facilitar o diálogo sobre dor e seu tratamento, e o papel de cada um na ocorrência deste fenômeno. Também, temos como objetivo a divulgação no meio científico e institucional dos resultados obtidos e da influência na qualidade do cuidado prestado. Portanto as ações de promoção de educação profissional dentro da proposta de educação permanente necessitam contemplar as singularidades dos pacientes que cuidamos, além de despertar a sensibilidade e comprometimento de quem cuida. Assim se produz educação e saúde. **Considerações Finais:** Nestes dois anos de trabalho observou-se um processo evolutivo do Grupo de Estudos sobre Dor em Pediatria. Muitas foram às atividades desenvolvidas, sendo a avaliação sistematizada da criança com dor uma realidade nas unidades pediátricas em nossa instituição. Investir em estudos e estratégias de controle da dor, em terapias analgésicas e complementares, deve ser prioridade e busca constante deste grupo de trabalho, para garantir uma assistência segura e humanizada. Desenvolver encontros anuais dessa natureza, para compartilhar

experiências e promover reflexões das ações produzidas, sempre acompanhando as propostas da IASP, favorece a socialização do conhecimento produzido em âmbito intra e interinstitucional.

Descritores: dor, criança hospitalizada, pediatria.

Referências:

- Lopes, EFS et al. Educação em saúde: um desafio para a transformação da práxis no cuidado em Enfermagem. In: Rev HCPA 2007; 27(2):25-7.
- McCaffery M, Pasero C. Pain: Clinical Manual. St Louis: Mosby, 1999.p.95.
- Oliveira, DL. A nova saúde pública e a promoção da saúde via educação: entre a tradição e a inovação. In: Rev. Lat. AM. Enferm. 2005; 13(3): 423-31.
- Silva, YP et al. Avaliação da dor na criança. In: Rev. Med. Minas Gerais 2004; 14(Supl.3): 592-596.

GRUPO DE FAMILIARES DA PEDIATRIA

Claudia Bertrand da Silva, Janaina Frescura Paim, Josiane Dalle Mulle, Sandra Mara Amazonas de Albuquerque Pimenta, Simone Schramm Schenkel

Hospital de Clinicas de Porto Alegre

cbsilva@hcpa.ufrgs.br

Introdução: A situação de doença e a necessidade de internação hospitalar de uma criança ou adolescente é um momento crítico, pois implica numa ruptura das relações do indivíduo com seu meio familiar e social. Considerando as características físicas e emocionais desta fase da vida, por estarem em constante processo de crescimento e desenvolvimento, descoberta do mundo e das relações, as crianças e adolescentes dependem dos laços familiares, de cuidados, de afeto e do atendimento de suas necessidades humanas básicas. Portanto é essencial incluir a família da criança hospitalizada como foco do cuidado. A permanência conjunta dos pais /filhos consiste na presença em período integral da mãe, do pai ou de outro familiar significativo, durante a internação da criança/ adolescente possibilitando o acompanhamento e o envolvimento no projeto terapêutico, não permanecendo como mero expectador (COLLET, 2002). O conceito de família conforme Delaney, citado por Nitschke (1999) [...] é "um sistema dinâmico de duas ou mais pessoas que se consideram uma família, as quais dividem uma história, objetivos comuns, obrigações, laços afetivos e um alto grau de intimidade" [...]. O afastamento do cotidiano, a dor física e emocional, exames desconhecidos, terminologias e diagnósticos muitas vezes incompreensíveis e internações prolongadas ou repetidas mobilizam diferentes sentimentos gerando um elevado grau de estresse e sofrimento na família, exigindo uma reorganização do seu cotidiano. Para Ribeiro (2001): quando a criança/adolescente é hospitalizada, a família necessita de suporte para dar continuidade aos cuidados da mesma em nível tanto hospitalar como domiciliar. Torna-se desta forma imprescindível identificar e potencializar os recursos cognitivos da família por meio de ações de promoção da saúde, utilizando estratégias sob a forma de atividades planejadas que visam atender de forma criativa as demandas surgidas. (JACOBY, 2003) O Grupo de Familiares constitui-se em importante recurso facilitador para o trabalho com as famílias sendo um importante espaço de escuta, onde a equipe interdisciplinar busca fornecer suporte para